

**Apressadas considerações de passagens extraídas do Capítulo IX do texto
Educação e Emancipação – Theodor W. Adorno**

**Quick considerations of passages extracted from Chapter IX of the text
Education and Emancipation – Theodor W. Adorno**

**Consideraciones rápidas sobre pasajes extraídos del Capítulo IX del texto
Educación y Emancipación – Theodor W. Adorno**

Josualdo de Meneses Silva¹

Ensaio

Linha de Pesquisa: Política, Planejamento e Gestão da Educação

Resumo

As ideias expressas aqui no texto dirigido ao leitor, para além da contribuição, são provocações que tratam de polemizar o quadro da ideia de autonomia do indivíduo proposta por Adorno no seio da escola de formação inicial - e ou ensino básico - no contexto da sociedade do atual consumismo, do controle dos desejos dos indivíduos por meio de algoritmos. Tendo em vista que discordo das possibilidades dessa meta, tanto pela temporalidade da ideia concebida do filósofo em relação ao tempo presente, como particularmente no caso da educação escolar em geral e no Brasil e suas peculiaridades.

Palavras-Chave: Adorno; Autonomia; Escola.

Abstract

The ideas expressed here in the text addressed to the reader, in addition to the contribution, are provocations that seek to debate the framework of the idea of individual autonomy proposed by Adorno within the initial training school - and/or basic education - in the context of today's consumerist society, of the control of individuals' desires through algorithms. Given that I disagreed with the possibilities of this goal, both due to the temporality of the philosopher's conceived idea in relation to the present time, and particularly in the case of school education in general and in Brazil and its peculiarities.

¹Mestre em Meio Ambiente, concentração em Memória Ambiental. PRODEMA - Universidade Federal de Sergipe -UFS. Especialização em História do Brasil e América pela UNICAPE -Universidade Católica de Pernambuco. Graduado em História pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. E-mail: josualdo.silva@upe.br

Keywords: Adorno; Autonomy; School.

Resumen

Las ideas aquí expresadas en el texto dirigido al lector, además del aporte, son provocaciones que intentan polemizar el encuadre de la idea de autonomía individual propuesta por Adorno dentro de la escuela de formación inicial –educación básica– en el contexto de la actual sociedad consumista, de control de los deseos de los individuos a través de algoritmos. Considerando que no estaba de acuerdo con las posibilidades de ese objetivo, tanto por la temporalidad de la idea concebida por el filósofo, como por la época actual, particularmente en el caso de la educación escolar en general en Brasil y sus peculiaridades.

Palabras Clave: Adorno; Autonomía; Escuela.

INTRODUÇÃO

Nos anos oitenta, chega ao Brasil um filme de produção franco-canadense, conhecido pelo título: *A Guerra do Fogo*. Nele, percebe-se os hábitos e o comportamento de uma variedade de indivíduos do gênero primata (*Homo*) com destaque para um deles, por ter o corpo pelado. A produção teve como consultor, à época, o famoso zoólogo e etólogo, Desmond Morris. Por meio desse viés é que iniciei a pensar em torno do indivíduo, e o tema *Educação e Emancipação* em Adorno, tomado pelas inquietações provocadas pela palestra do Dr. Rui Valse, no Círculo de Diálogos, realizado no dia 21 de junho de 2024 e promovido pelo Grupo Internacional de Pesquisas em Políticas, Práticas e Gestão da Educação - GIPPPGE, da Universidade de Pernambuco, *Campus Garanhuns*, Brasil. A seguir, aponto nossas dessimetrias quanto ao assunto.

Considerações iniciais

Em 1982, era lançada no Brasil uma produção do cineasta Francês, Jean-Jacques Annaud muito conhecida pelo título: *A Guerra do Fogo*. Nela é possível perceber os hábitos e o comportamento de uma variedade de indivíduos do gênero primata (*Homo*) e entre eles, um se destaca por ter o corpo pelado. Essa produção teve como consultor, a época, o famoso zoólogo, etólogo, escritor e pintor surrealista inglês, Desmond Morris. Pouco mais da metade do século passado (1967), ele publica o seu *clássico*: *O macaco Nu*. Curiosamente, Morris afirma nesta obra, que de uma totalidade de primatas existente no mundo, um coletivo de cento e noventa e três espécies de macacos e símios, de todas, cento e noventa duas, são

inteiramente peludas. Tão somente uma espécie de macaco, excepcionalmente, tem o corpo pelado; e ousado orgulhosamente se autodenomina de *sapiens*, observou assim o próprio Morris (1967). O registro ao eminente primatólogo decorre de ter afirmado que seu maior desafio em sua área é à complexidade do comportamento do *macaco nu*; e anunciava o seguinte:

[...] minha justificativa é que, apesar de se ter tornado tão erudito, o *Homo sapiens* não deixou de ser um macaco pelado e, embora tenha adquirido motivações muito requintadas, não perdeu nenhuma das mais primitivas e comezinhas (Morris, 1967, p. 7)².

Deveria estar me expressando aqui através da voz da Biologia, quando o texto em discussão é Educação e Emancipação em Adorno? Talvez não. Ou, tal vez sim, pois parto da ideia de Morris de que somos *primatas muito eruditos*, e até saliento, acrescentando que criamos um mundo dentro do mundo, nomeando tudo que nele há, inclusive a nós mesmo. Porém, através dessa criação são efetivadas todas as demais do macaco pelado. Por meio desse viés é que iniciei a pensar em torno do indivíduo, a educação e sua emancipação em Adorno, tomado pelas inquietações mentais, intelectuais provocadas pela palestra do Dr. Rui Valese.

Tentando superar essas sensações como se fosse possível tal proeza, colocando os referidos substantivos (educação e emancipação), distantes um do outro e submetê-los, isoladamente ao capricho dos meus atos reflexivos. Todavia, penso que isso é caso para um projeto maior de investigação mais ampla. Mas então pergunto: por que escrevo isso? Sentei-me por instantes, com o celular às mãos, tinha visto no grupo do GIPPPGE, a indicação de leitura do texto *Educação e Emancipação*, resultado de entrevistas cedidas por aquele filósofo mencionado e referência do Dr. Rui Valese. Adorno, teórico de orientação progressista, crítico (tido até como comunista), e cofundador da respeitada Escola Frankfurt (em verdade um instituto); seu referido texto de “Intervenção Viva”, como assinala Leo Mar, é aparentemente simples de se tecer reflexões pontuais sobre o referido binômio. Pode parecer banal o que afirmarei. Tendo assistindo a palestra do Dr. Rui Valese, sobre a obra Educação e Emancipação do filósofo Adorno, considerei também muito pontual. No entanto, senti falta da historicidade dialogando com os conceitos de

² Morris, Desmond. O Macaco Nu, São Paulo: Ed. Ao Livro Técnico, 1967

liberdade e democracia com aqueles do pensador, para então demonstrar a aplicabilidade da ideia de emancipação em tempos de velocidade de dados em realidades distintas como a sul-americana e particularmente a brasileira. No entanto, pensando ainda no comportamento do *sapiens nu*, não nos parece ser tarefa fácil se admitimos a ideia de Morris. Especialmente ao alertar que o *sapiens*, mesmo sendo erudito, não deixou de ser um bicho, um animal.

Nesse sentido, a temática de Adorno não só por isso, mais por tudo que as circunstâncias históricas impuseram e continuam a impor, desde a época das suas entrevistas até nós, nesses tempos de “dominação programada” (cologarítimos) via fibra ótica, nos colocam diante de problemas consideráveis e inevitáveis; por isso, carece de maior elaboração e bem mais aprofundamento das suas ideias em discussão, coisa que não será feito aqui.

Por enquanto, coloquemos um “clipe” por um instante para reunir os sentidos da palavra emancipação às nossas ideias que virão pela frente. Então, o termo emancipação, os dicionários resolvem fácil; tipo, é a “ação de ser ou se tornar independente, livre”, ou ainda, apontam “é o mesmo que ou quem não é dependente, age com autonomia, mantém-se livre de qualquer influência”. Simples assim? Em todos eles, são precisos nos inúmeros verbetes que na sua maioria encontram-se na bacia semântica da jurisprudência.

Resolvido? Não. Pensando nisso, não se trata de trazer um novo campo de debate externo do termo para esse momento. Mas, como já me referi sobre o clipe, afirmar minimamente filosofando que a ideia de emancipação, sem exagero de pudor, oferece-se hoje claramente seu sentido e entendimento de forma mais abrangente e profunda, ou seja, como um processo radical emancipador do homem e sua humanidade; nele e com ele, se pensando dialeticamente sua história e sua condição. O contrário, favorecerá ao *status quo*, tanto aqui dentro do Brasil quanto fora. Enfim, a sociedade - todos os homens e mulheres - só alcançará a emancipação ao atingir um nível mais elevado de consciência política e de classe, e desse ponto em diante, a nova organização social então, será erguida em um longo caminhar.

Tudo passará pela classe laboriosa, “A emancipação da classe oprimida implica, pois, necessariamente, a criação de uma nova sociedade” (Karl Marx, 1982,

p. 83 apud Chalita, Mansour). Mas, compreendendo os extratos econômico, social, político, cultural e o científico. Ou seja, o oposto a isso, como é a sociedade de consumo atual, ao não se livrar das forças que a oprime, reforçará a dominação, gerando a descrença de que não existe uma alternativa a tudo isso. O que equivale a crer na afirmação de que desde nosso nascimento, trazemos em germe a predileção pela cor azul ou a vermelha e assim, minha preferência por uma das duas cores se pré-definirá sem que tenha sofrido a influência cultural, coletiva, social e histórica da sociedade; o indivíduo passa por toda sua bio/história, ileso? Portanto, a emancipação da pessoa individual, ou do indivíduo histórico, será alcançada no contexto atual das relações sociais e seus antagonismos de classes, ignorando o peso do núcleo familiar com sua história e seu espectro para aplicar nas escolas a liberdade plena e aos seus indivíduos, considerando esta sociedade onde mundialmente nos debatemos para extirpar coisas como o racismo cultural, estrutural, isso é inatingível. Isso me faz lembrar de Foucault (1979) no capítulo, “Sobre a Prisão” no texto “*Microfísica do Poder*” em entrevista ao “*Magazine Littéraire*” ele não se refere a escola, mas a instituição prisional sugerindo que ao estudá-la que fizesse falar os arquivos em vez da história da instituição, não seria o caso de fazermos coisa semelhante com a instituição escolar, antes de aceitar que se aplique a prática sugerida do Adorno?

Mesmo que venha a ser aplicada, ainda assim, essa ação pragmática não resolveria a nossa questão da emancipação no contexto histórico do capitalismo atual. Empiricamente, onde é possível ver emancipação por exemplo, nos modelos de escola adotado pelo Governo do Estado de Pernambuco, intitulados de Escolas de Referência de Ensino Médio - EREM, alunos e professores juntos, o dia inteiro, a semelhança das “fábricas prisões” de Edgar de Decca (1993)³; e as nossas escolas sem uma boa estrutura, crianças largadas nas salas, que ao som da campanha recolhem-se elas, ao segundo toque saem ao sol para recrear e especialmente pela merenda, isso está presente entre nós brasileiros. Em abstração, diria que a emancipação só virá se o trabalho for emancipado de todas as condições asfixiantes impostas. Em conformidade com todo o exposto até aqui, nosso entendimento sobre

³ Decca, Edgar de. O nascimento das fábricas. São Paulo: ed. 9, Col. Tudo é História, Ed. Brasiliense, 1993 pág. 7.

o tema e sua aplicação à realidade de nossas escolas pelo Brasil inteiro, acompanha o pensamento do professor Ivo Tonet (2005)⁴:

A nós, pelo contrário, parece-nos equivocado pensar que a cidadania expressa a forma superior da liberdade humana. Por suas origens e sua função social, ela representa uma forma de liberdade, certamente muito importante, mas essencialmente limitada. Ao nosso ver, a efetiva emancipação humana é, por seus fundamentos e sua função social, algo radicalmente diferente e superior à cidadania, que é parte integrante da emancipação política. Esclarecer essa distinção é hoje da máxima importância, se queremos que a luta social seja claramente orientada para a superação desta forma desumanizadora de sociabilidade, cujas raízes se encontram no capital (Tonet, 2005, pág. 1).

Nosso entendimento até aqui àqueles problemas é o que devemos oferecer ao nosso filósofo – ainda que de passagem breve, o benefício de algumas dúvidas às suas ideias chave – educação, emancipação, liberdade e democracia – as implicações mútuas considerando-as, a nosso ver, a partir do seu contexto histórico original ao tempo dele, onde um espectro então prenunciava um clima sombrio, vivido pela República de Weimar (1919-1933) – caixa de pandora – que aberta, a “serpente” do nazismo, o moço do bigodinho, ascende ao poder na terra natal do pensador. Momento em que seus livros são incinerados juntos com todas as outras produções dos seus colegas de fundação do Instituto em um ritual sinistro.

No pós-guerra, de volta dos Estados Unidos onde estava junto ao seu colega Horkheimer, possivelmente essa estada o tenha possibilitado refletir sobre a “barbárie” que se abateu sobre seu país, e em 1959 inicia a série de suas célebres entrevistas envolvendo os referidos conceitos já aludidos no interior do terreno da liberdade e a democracia. Terá isso acontecido? Ou talvez seja um toque de saudosismo a breve época republicana de Weimar vivida pela Alemanha, particularmente pela classe trabalhadora, os intelectuais, a exemplo do próprio Adorno, e quase toda a sociedade alemã letrada (ou “cultura”) de bom senso que desfrutaram do surto de sucesso da economia, dos direitos trabalhistas e individuais. Um “sonho” para não dizer, um gozo efêmero em meio à democracia da republicana de Weimar.

⁴ Tonet, Ivo. Revista espaço Acadêmico, nº 44, Ano IV, mensal, ISSN 1519.6186, janeiro, 2005.

Ou talvez movido pela democracia americana do período referido que se encontrava lá, era conhecido por “caça às bruxas” pelo macartismo estadunidense, perseguindo os artistas e intelectuais tachados de comunistas, e que Adorno é acusado de “pragmático” e outros desentendimentos. Falar sobre aquelas duas expressões como proposições práticas a serem executadas no atual mundo contemporâneo, nos coloca na obrigação de buscar a historicidade e dialogar com outro momento histórico, o da “*modernidade e suas descontinuidades*” e seus problemas ainda presente como conceitua Gidens⁵ (1991).

Tratar do tema de Adorno e as temporalidades nada similares historicamente, há que se assumir uma postura dialética, que demanda um treino com esse método. Esse dado colocado frente ao contexto da Alemanha do final da Primeira Grande Guerra, a influência da Revolução Russa no mundo pós-conflito, a crise de 1929 – quebra da bolsa de valores de Nova York, A República de Weimar, a ascensão do nazifascismo, o novo conflito de fato, mundial (Segunda Guerra), e as temporalidades pós-catástrofe (1945), até o presente, há de aceitar o enfrentamento ainda dos fenômenos ocorridos das mudanças de comportamentos sociais, e no campo paradigmático da tecnociência⁶ - logo após o fim da guerra do Vietnam (também inovando no das “antropociências”)⁷. Isto é suficiente para testemunhar o tamanho da complexidade e o desafio de transportar a ideia de emancipação, tema central de Adorno, e dialogar especialmente com o conceito hoje de democracia, tão esgarçado nesse século XXI.

Ora, ao tempo da República de Weimar (1919-1933), quando o suspiro democrático havia sido sustentado, não por outra, mas pela classe trabalhadora alemã obediente a sua entidade classista Partido Social-Democrata da Alemanha (SPD) e logo solapados, colapsados, pondo tudo isso frente aos tempos atuais de “globalização” autoritária, (com a democracia privatizada, – no nível do estado liberal – expropriada ao Estado do Bem Estar Social de meados do século XX), sindicatos

⁵ Ver GIndens, Anthony. *As consequências da modernidade*, Editora Unesp, 1991. Na obra, Gidens que discute a modernidade divergindo conceitualmente dos chamados pós-modernistas.

⁶ Conceito amplo, usado quando se referindo à complexidade de assuntos que invoca a interdisciplinaridade multidisciplinaridade de campos de estudos de ciência e tecnologia de modo mais efetivo em contextos discursivos quanto ao social e político.

⁷ Neologismo que criei para fazer referência ao conjunto das ciências humanas que sofreram com as mudanças paradigmáticas.

desconstruídos, e bandeiras de identitarismo, simulacro de luta de classes como “único refúgio” político de discurso ancorado no poder midiático, é uma empreitada que não oferece possibilidades práticas ou saídas à altura dos desafios frente a proposta de Adorno, frente à fúria de um número reduzido de *sapiens* que hora pautam e controlam o planeta; se postas, serão duvidosas e no mínimo provisórias. Voltemos aquele clipe para juntar essa torrente e ligarmos ao que vem adiante.

Nem tudo é história, premissa de algumas correntes da historiografia. Outras discordam, mas não é isso que está no nosso foco. Então, o contexto histórico vivido por Adorno – o encerramento de uma Primeira Guerra e o seu “segundo tempo”, conhecido por Segunda Guerra – com a ascensão e condução do nazifascismo, a Europa se vê em ruínas, o que parecia o epílogo da tragédia, o “anjo da morte” detona Hiroshima e Nagasaki anunciando a “guerra-fria”; para a sensibilidade de um intelecto como o de Adorno, é possível de se imaginar a fragilidade desse homem na relação com seu tempo. Intelectualmente, esse quadro deve ter gerado imagens assustadoras, para não dizer cenários apavorantes na mente do pensador da Escola/Instituto de Frankfurt. Falando dessa instituição, participante da sua criação, o filósofo de Frankfurt abraçou um viés da filosofia não muito bem recepcionada no século passado. Qual teria sido esse viés? O da *Posthistoire*, que segundo o historiador inglês Perry Anderson (1992), trata-se de “*um campo antitético*”. Os termos se encontram em flagrante contraditório. Na longa introdução em *O fim da História: De Hegel a Fukuyama* (1992), Anderson afirma que o tema nasce de uma “*teia de especulações sobre o fim da história*”, e o seu ninho são dois momentos históricos; a Frente Popular de 1933 (Alemanha), e 1937 na França, observa Anderson (1992)⁸. Os dois eventos constituíram-se em reações contra o nazismo naqueles países. Porém, uma onda se formou pela *Posthistoire* (Pós-história, termo aportuguesado). Nessa onda, uma plêiade de intelectos, Henri de Man, Arnold Gehlen, Bertrand de Juvenal, Carl Schmitt, Alexandre Kojève, Ernest Jünger, Henri Lefebvre, Walter Benjamin (este último aparece nesse meio a seu modo), e em fim Theodor W. Adorno⁹. Recorro a essa razoável plêiade de notáveis da filosofia contemporânea, da história e da sociologia; por que isto? Esse ponto de

⁸ Ver Anderson, Perry *O Fim da História: De Hegel a Fukuyama*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1992. Pág. 7 a 10.

⁹ Ver Anderson, Perry *O Fim da História: De Hegel a Fukuyama*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1992. Pág. 8.

interrogação nos leva a perplexidade. Ou seja, o flerte intelectual de Adorno com um daqueles filósofos da relação, o jurista e filósofo Carl Schmitt e o seu modelo de Estado.

Talvez, digamos, um vislumbre crítico fora da curva dos intelectuais dessas disciplinas. Ao se decepcionarem *afastaram-se das massas, em postura elitista* (Anderson, 1992), passando ao largo de um assunto que envolve Walter Benjamin e Adorno. Menos Benjamin, mais Adorno, pois o primeiro morreu antes executado pelas mãos nazistas na Espanha. Adorno (falecido em 1969), além de ter feito parte do seletto agrupamento, foi receptivo ao espólio de Carl Schmitt. Grande estrela do grupo já mencionado, falecido em 1985, e que anteriormente na Alemanha era filiado ao partido nazista, tendo rica e forte produção teórica em torno do Estado autoritário o qual defendia. Apontam estudiosos que o nosso filósofo Theodor Adorno não só flertou com as ideias como se inspirou no amigo Schmitt, reconhecido hoje como uma espécie de eminência parda para o liberalismo¹⁰.

Ao tempo de Adorno, na Alemanha, vale um adendo a tudo isso visto em um instante, o quanto possível para falar da educação. A República Weimar, apoiada na classe trabalhadora por intermédio de uma aliança política, conseguida pelos socialdemocratas, unindo à esquerda e a extrema-esquerda, contra a extrema-direita. Mas, no meio se postavam a união da igreja católica e o partido nazista. Ambos defendiam à tradição da escola imperial, eivada de opressão, se colocaram contrários à ideia da reforma da educação (D'Alessio & Capelato, 2004 p.37).¹¹ A escola dos tempos imperiais era um misto de escola espartana e violência do tosco romantismo nacionalista alemão que reunia heroísmo, patriotismo, obediência e vigor físico (D'Alessio & Capelato, 2004).

O sentimento geral dos estudantes da época era de pavor, pelo que podemos perceber nos dados de Lionel Richard (1988), que em 1921, um professor vai a público fazer um balanço da sua carreira em números, pois segundo o professor, estes falariam com mais clareza da sua competência que a sua eloquência pedagógica. Fazendo um resumo de sua metodologia de seus trinta anos de

¹⁰ Para compreender quem foi Carl Schmitt, e o Estado autoritário Ver <https://estadodaarte.estadao.com.br/carl-schmitt-jfp/> (acesso 16:07:24).

¹¹ Ver D'Alessio, Maria Mansor; Capelato, Maria Helena. Nazismo: Política, cultura e Holocausto. São Paulo: Ed. Atual, Col. Discutindo a História, 2004, pág. 37.

magistério, expôs, sem exagero, que havia “administrado” aos estudantes 911.500 bengaladas, 124.000 chicotadas, 209.000 suspensões, 130.000 reguadas na palma das mãos, 10.200 socos na orelha, 223.700 bofetadas e seu orgulho era tanto que se exprimia dizendo, *É assim que se forma a juventude* (Richard, 1988). Dos estudantes da Alemanha Imperial, a recordação da escola era de sua negatividade, e ofensividade cruel. Sentimos isso nos termos colocados por Lionel Richard,

Com frequência, o professor não passava de um policial. A função mais apreciada pela administração era sua competência em subjugar, em instruir os jovens espíritos que lhe eram confiados. Assim como um agente de polícia não podia ser concebido sem um sabre ao lado, era impensável um professor sem uma vareta ou bastão [...]. A criança, de fato, encontrava na escola os métodos usados por sua família de maneira pragmática sem qualificação técnica (Richard, 1988, p.163).

Ora, se não bastasse essa toda humilhação, a complexidade até aqui apresentada, o tema proposto a partir da ideia de Adorno, provoca e assanha os pensamentos; mas, urge a necessidade de revisão rigorosa, pois o termo educação (como já foi discutido aqui no grupo), além de dinâmica, aponta para dilatações nos sentidos usuais e formais. Vendo-a assim, através dessa pequena janela hora em exposição dessa escrita, se impõe o rigor das ciências humanas.

Portanto, do desaparecimento do *Welfare State* – Estado do Bem-estar Social– com todas as conquistas sociais pelo mundo do trabalho e que vieram a ser destruídas e a democracia ultrajada, e os direitos da classe trabalhadora sendo suprimidos, como fica a educação e seu horizonte, nesse quadro todo? Eis que a propositura do filósofo em questão se confronta com outro conceito histórico, o da liberdade que o iluminismo como é sabido, não conseguiu realizar de fato e de direito, e nela os homens (maioritariamente a classe trabalhadora) não encontrará sua dignidade humana e nem viver como humano. Neste caso foi preciso editar mundialmente os “direitos humanos”. Tratar da emancipação de indivíduos como se não existisse classe, no contexto da sua historicidade, sua invisibilidade será acentuada. E enquanto classe será o “fim”? De fato, os trabalhadores e a sociedade do trabalho – o fim daquilo que pensamos e denominamos por humano – que cria o mundo a partir da geração de todas as riquezas materiais e espirituais da sociedade o capitalismo está colocando em risco.

Nesse caso, ao contrário de se humanizar através do mundo do trabalho, tomará seu lugar a brutalização e a sua desumanização progressiva e a humanidade inviabilizada. Adorno se agarra com fé beneditina à democracia – como já disse, privatizada – e que segundo ele próprio afirma, se seus indivíduos e a sociedade não respeitarem seus pressupostos, a emancipação não será alcançada. Isto é um reconhecimento profundo do insucesso de sua proposta, visto que o autor impõe a condição de “se e somente se”, porém a classe é suprimida, o trabalhador e tudo que lhe é próprio e inerente a sua condição de criador, a sua ubiquidade é subtraída, ao lhe atribuírem a negatividade no seu lugar, ou seja, a pessoa individual, ser único, no oceano dos indivíduos coletivos sociais. Por outro lado, o respeito aos pilares da democracia como já o sabemos, a classe subalterna respeita, mais não usufrui.

Ou seja, ela cria tudo, mais é alienada de toda riqueza material e espiritual, pois é privada pela expropriação. Além dessa questão, convém saber que tipo de democracia Adorno sonhou. A de Weimar? Não afirmo com toda certeza que sim; porém, imagino que no mínimo o inspirou. A democracia representativa pressupõe a liberdade formal, ou seja, a liberdade jurídica da sociedade burguesa. Esta não supõe outra forma de liberdade senão aquela sob a tutela do Estado liberal. Mas, Adorno parte em defesa da Emancipação impondo outra condição a mais, a existência da liberdade. Contudo, submissa ao modelo de Estado e a democracia vigentes.

Já afirmamos, e retomo aqui, nenhuma democracia desde os gregos pertenceu ou pertence à classe social majoritária. Essa crença romântica na emancipação do homem abstrato, fora das relações históricas, porém dentro do contexto capitalista da reprodução das relações de exploração, dominação e poder – estendido também as suas micro relações no sentido foucaultiano¹² – acaba sendo falaciosa nos tempos atuais. Por sinal, o filósofo Castoriades, contemporâneo de Adorno, também defende em seus escritos, coisa semelhante. Propõe a autonomia do indivíduo em sociedade. Afirma que a autonomia individual é fundamental e se mostraria decisiva na criação da coletividade autônoma (Castoriades, 2006). Porém,

¹² Merquior, José Guilherme. Michel Foucault ou o Nihilismo de Cátedra. Rio de Janeiro: Coleção Logos, Nova Fronteira, 1985; pag. 9. Tomei a liberdade de usar emprestado a expressão fulcodiano, pois me incomodava a versão corrente.

diz ele, uma sociedade autônoma, não terá existência sem a autonomia individual. Esses pressupostos, tanto em Castoriades quanto os de Adorno, parecem ser abstraídos das relações de homens não concretos, sem historicidade. Na ausência desta última, pressinto que as proposições, esbarram em um paredão, o do direito à propriedade privada. Página tensa em toda extensão da história humana. Esse tema gerador de classes e de toda sorte de privilégios é de extrema importância para se compreender o que é liberdade, democracia, e a ideia de emancipação alojada nesses territórios, tão em falta na sociedade atual e mais individualista orientada pela ilusão do consumo capitalista, e ainda querer flertar com uma “ontologia auto/social” já apropriada pelo modo de pensar capitalista.

Considerações finais

Essas poucas laudas tanto apressadas escritas a título de contribuição ao debate do texto, digo que fiz por serem de fato apressadas considerações de passagens extraídas do texto em questão, pois o tema necessita de mais maturação e rigor na análise para o confronto com a metáfora das representações (ou do imbróglio do identitarismo que cancela as classes e a luta de classe); por outro lado, inclua-se na discussão, a semântica dos termos emancipação, liberdade e a democracia (representativa) de cunho burguês, capitalista que propõe que as classes subalternas sejam semelhantes e idênticas as classes dirigentes. Acrescento ao finalizar as ideias destas páginas, que o texto de Adorno não se mostra melancólico, ele é antes um conjunto de ideias estimuladoras, provocativas ante o tempo presente. Nesse sentido, encerro com o próprio Leo Mar, que sincero e justo com a obra de Adorno menciona:

A educação não é necessariamente um fator de emancipação. Numa época em que educação, ciência e tecnologia se apresentam — agora “globalmente”, conforme a moda em voga — como passaportes para um mundo “moderno” conforme os ideais de humanização, estas considerações de Theodor W Adorno podem soar como um melancólico desânimo. (Leo Mar, p. 08).

Como discordo do filósofo no transcurso destas páginas, reafirmo, nem Adorno é sorumbático e nem eu sou pessimista, polemista talvez como o filósofo. Adorno é provocativo, em tempos de terraplanismo, de anti-ciência e anti-cultura,

porém muito mais que isso; é também por causa da sociedade de base capitalista, onde tudo, como alguém já afirmou, é transformado em mercadoria. Então, eu termino usando outras palavras nada anarquista de Leo Mar: “Quem defende a manutenção da cultura radicalmente culpada e medíocre, converte-se em cúmplice, enquanto aquele que recusa a cultura promove imediatamente a barbárie que a cultura revelou ser” (Leo Mar p. 09).

Referências

Almeida, Ângela Mendes de. **A República de Weimar e a ascensão do nazismo**. São Paulo: Col. Tudo é história, Ed. Brasiliense, 1999.

Anderson, Perry. **O Fim da História: De Hegel a Fuhuyama**. Rio de Janeiro: Tradução, Álvaro Cabral, Ed. Jorge Zahar, 1992.

Castoriadis, Cornelius. **Uma Sociedade à Deriva**. Aparecida, SP, São Paulo: Edição organizada por Enrique Escobar, Myrto Gondicas e Pascal Vernay; [Tradução Claudia Berliner], Ed. Ideias & Leras, 2006.

Giddens, Anthony. **As consequências da modernidade**. (Tradução Raul Fiker), São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

D'Alessio, Maria Mansor & Capelato, Maria Helena. **Nazismo: Política, Cultura e Holocausto**. São Paulo: Col. Discutindo a história, Coordenação Maria Helena Capelato, Maria Lígia Prado, Ed. Atual, 2004.

Merquior, José Guilherme. **Michel Foucault ou Niilismo de Cátedra**.

Morris, Desmond. **O Macaco Nu**. São Paulo: Col. Vida Cotidiana, Ed. Record, licença editorial para o Círculo do Livro, 1967.

Richard, Lionel. **A República de Weimar – 1919-1939**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, Círculo do Livro, 1988.

NOTA: O autor foi responsável pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final publicada.